



O "macaquinho" e a questão judaica

NACHUM ZVI FASSA

Tradução: Nancy Rozenchan
Especial para o "Caderno Cultural"

Nós o chamávamos de "macaquinho". Por trás de suas costas, naturalmente. Seu nome era Muniz. Era professor de geografia. Baixo, de meia-idade. Mulato. Talvez entre os seus antepassados tivesse algum índio. Em todo caso, lembro-me dele com cabelos ralos. Da cor de chocolate escuro. Os dentes que lhe faltavam acentuavam os dianteiros que haviam restado. Corpo pequeno. Cabeça grande. Quando sorria, tinha cara de macaco.

Lembro-me dele como um professor enfadonho mas como pessoa sorridente, até agradável. É interessante que lembro dele agora com bom humor, quase como de uma figura simpática.

Na verdade, é um pouco estranho, porque o "macaquinho" era anti-semita e por causa dele quase fui expulso do Ginásio do Estado.

Éramos uns sete ou oito rapazinhos judeus numa classe de quarenta alunos, aproximadamente, num colegial de elite, no final da década de 40 no Estado de São Paulo.

O ensino era gratuito, mas a admissão era limitada aos que passassem nos exames de seleção rigorosos. Talvez fosse este o motivo pelo qual houvesse ali proporcionalmente tantos jovens judeus.

Meus amigos mais íntimos eram do Bom Retiro, um bairro em que se concentravam os imigrantes judeus que tinham vindo da Europa antes da guerra. Eu tinha também alguns amigos não-judeus. Lembro-me especialmente de um, japonês. Ono, aluno esforçado. Talentoso e tímido. Como se fosse do outro mundo. Como eu. Havia também um preto, Nilton, estudioso e muito dedicado. Demonstrava sempre seriedade e conhecimento. Fredi, um judeu de origem francesa, de um bairro mais rico. Gostava de manter distância. Antônio, de origem portuguesa e temperamento cordial. Salim, um árabe do Líbano ou da Síria, a quem chamávamos de "o turco". Éramos bons amigos.

Entre os judeus havia Zig, um yeke, judeu alemão, que treinava judô, hoje professor de Universidade de Jerusalém. David, neto de um judeu de Safed e pertencente a uma família assimilada. Certa vez contou-me que o incidente escolar, a respeito do qual eu quero relatar, é que despertou a sua curiosidade com relação à questão judaica; haviam outros mais, Bêrele e Aharon, de abençoada memória, que viriam a se transformar em construtores de Kibutz.

Lembro-me também de muitos dos professores daquela época:

Tudo aconteceu há mais de 50 anos. Mas como esquecer uma figura que marcou tão profundamente um grupo de adolescentes?



Braga, o professor de latim, de feições severas, católico fanático. Modesto, professor de matemática, e Plínio, professor de história clássica.

Plínio era um homem gigantesco, gordo e feio. Dava suas aulas de forma patética e com bastante saliva. Temíamos sentar na primeira fila em sua aula. Eu ficava fascinado com ele porque suas aulas eram brilhantes e vivas. Sentia-me atraído pela história da Grécia, Roma, Egito, tanto quanto pelas aventuras e histórias que ocorriam no nosso dia a dia, num círculo mais próximo.

Havia uma professora de francês, não me lembro do nome dela, mas me lembro que me apaixonei por ela. E havia Marco Polo, um outro professor de francês com quem aprendi os textos de La Fontaine. Um professor jovem de literatura, uma professora árida de inglês...

O anti-semitismo do "macaquinho" expressava-se em ferinas observações anti-judaicas nas aulas. Fazia-o com humor e facilidade, mas para nós, jovens judeus sensíveis, isto soava como uma zombaria venenosa.

Ele não era o único. Havia um professor de química, Diniz, que gostava de fazer gracinhas sobre "a questão judaica". Quando citava o nome de algum ilustre cientista e frisava a sua nacionalidade, acrescentava, em muitas ocasiões, "Inglês? Vocês sabem que inglês". E indicava por um gesto de nariz grande que fazia toda a classe rir, inclusive os judeus, naturalmente.

É interessante: tanto Muniz como Diniz faziam as suas observações com leveza, de um modo muito brasileiro, com uma matreirice cheia de alusões e intenções duplas. Diniz nos fazia

rir, Muniz nos irritava. Talvez devido ao seu sarcasmo, talvez devido à nossa sensibilidade excessiva em relação a ele. Hoje não tenho mais certeza. Não me lembro de todas as suas observações. O que, sim, me lembro é que frisava repetidamente que o lugar dos judeus é na Palestina e seria melhor que fossem para lá.

Certa vez, numa aula sobre o Oriente Médio, lançou: "Os judeus da Europa querem a Palestina? Na verdade é melhor que vão para lá do que venham para o Brasil." E, numa outra ocasião, quando falou sobre a população dos Estados Unidos: "Na América os pretos trabalham e os judeus fazem dinheiro."

Ele tinha uma solução para "o problema judaico". Todos os judeus irão para a Palestina e criarão ali um estado judeu. Mas como não são capazes de viver juntos, porque precisam dos gentios a fim de explorá-los, seu Estado não se manterá. E seu final será o final da "questão judaica" pois, após esta decepção, dispersar-se-ão novamente pelo mundo todo e se assimilarão totalmente.

Tento recordar e lembrar por que rimos então. Talvez nos alegrássemos com a lenda que os judeus são inteligentes. Talvez estivéssemos nos defendendo.

Em todo caso, o que é claro é que decidimos nos organizar e reagir. Resolvemos que, na próxima vez em que ele fizesse uma observação ofensiva, nos levantaríamos de uma só vez, responderíamos e sairíamos da sala em sinal de manifestação. Foi uma decisão ousada, porque a escola era conhecida não somente devido ao seu nível elevado de ensino, mas também por causa do

regime rigoroso e a disciplina severa que vigorava ali. E então decidimos na verdade fazer uma revolta contra um professor de destaque.

Duas ou três aulas passaram em paz, sem observações, sem reações. Até que num outro dia o "macaquinho" achou conveniente, não me lembro em que contexto, nos dizer, com um olhar matreiro, que há no mundo muitos judeus. Cerca de 18 milhões.

Levantei-me e berrei em sua direção. "Senhor professor, o senhor está enganado. Há apenas 12 milhões; pessoas como o senhor mataram 6 milhões nos últimos anos."

Houve estupefação na sala. Ele voltou-se para mim mas não encontrou o que dizer. Olhei para os meus colegas judeus, que estavam sentados todos petrificados. Nenhum deles se moveu, nenhum soltou um pio. Lembro-me que eu tremia de comoção e medo. Depois de alguns momentos, controlei-me e continuei: "O senhor é anti-semita e nós não suportaremos mais as suas ofensas" - eu disse, e saí da sala... sozinho.

Meus companheiros não ousaram ou não conseguiram se mexer.

Foi um escândalo. Ele apresentou uma queixa contra mim. Fui chamado ao diretor, uma pessoa muito formal, sempre de preto, jamais sorria. Ele me comunicou que eu tinha de sair da escola. Por causa da grave perturbação da disciplina e ofensa a um ilustre professor. Para meus pais foi uma verdadeira tragédia. Dirigiram-se ao diretor, aos professores, a todo mundo.

Lembro-me da primeira audiência. Com o diretor. Com os meus pais e o professor. Ele ne-

gou qualquer intenção anti-semita e exigia um pedido de desculpas meu. O diretor concordou em me receber de volta se eu me desculpasse. Meus pais, naturalmente, me pressionaram.

Toda essa "história" ocorreu em 1947. Pouco depois da Segunda Guerra e do holocausto e na época da luta pela comunidade de Israel. O ambiente na rua judaica estava muito excitado. Vivi em meu íntimo a tempestade interior dos judeus naquele período, mesmo estando no âmbito seguro do Brasil bom e hospitaleiro.

"Não pedirei desculpas" — insisti — "ele é anti-semita e sempre nos ofende. E, além disto, nós de fato somos, infelizmente, somente 12 milhões e não mais 18 milhões."

Eles não sabiam o que fazer comigo.

Os companheiros judeus da classe me apoiaram, mas silenciosamente. E, apesar disto, com a ajuda deles, a questão transpirou para as instituições e a imprensa judaicas que decidiram se envolver.

Houve um segundo encontro com o diretor, desta vez, junto com dois ativistas judeus: um jovem, muito vigoroso, Bernardo Remez, que conseguiu convencer o diretor que era preferível pôr um fim ao assunto e me aceitar de volta, sem desculpas, pois, de outra forma, tudo chegaria à grande imprensa, ao parlamento, ao governo. E mais: afetaria o bom nome da escola. Do diretor. Não só do professor.

O professor continuava a alegar que houve um mal-entendido e que até admirava muito os judeus. Eu, com o apoio silencioso de meus colegas, me mantive firme.

Por fim, o diretor decidiu que os dias de minha ausência tinham sido um castigo suficiente, e voltei à escola.

O retorno foi tenso. Todos me preveniram que o professor seria capaz de se vingar. Eu investi esforços imensos nos estudos de geografia e concluí o ano... com distinção.

Na verdade, o "macaquinho" foi muito simpático comigo durante todos os meses seguintes. Até cessou as suas observações, ainda que tratasse os outros alunos judeus com dureza. Consegui mesmo reprovar alguns deles nos exames orais do final do ano.

Aquele mesmo vigoroso dirigente sionista do movimento ju-

venil que se desenvolveu naquela época em São Paulo, foi para mim a ponte para o sionismo. Depois agreguei-me, agregamo-nos, eu e alguns dos colegas envolvidos naquele episódio, a este movimento juvenil pioneiro.

Parte de nós concretizou realmente a idéia do "macaquinho": que o lugar dos judeus é em Israel. Ele, pelo visto, contribuiu consideravelmente para a nossa decisão. E eu me recuso a adotar a sua profecia negra. ■

NACHUM ZVI FASSA nasceu na Polônia, morou no Brasil e fez alia' para Israel em 1953. Foi um dos fundadores do Kibutz Bror Chail.